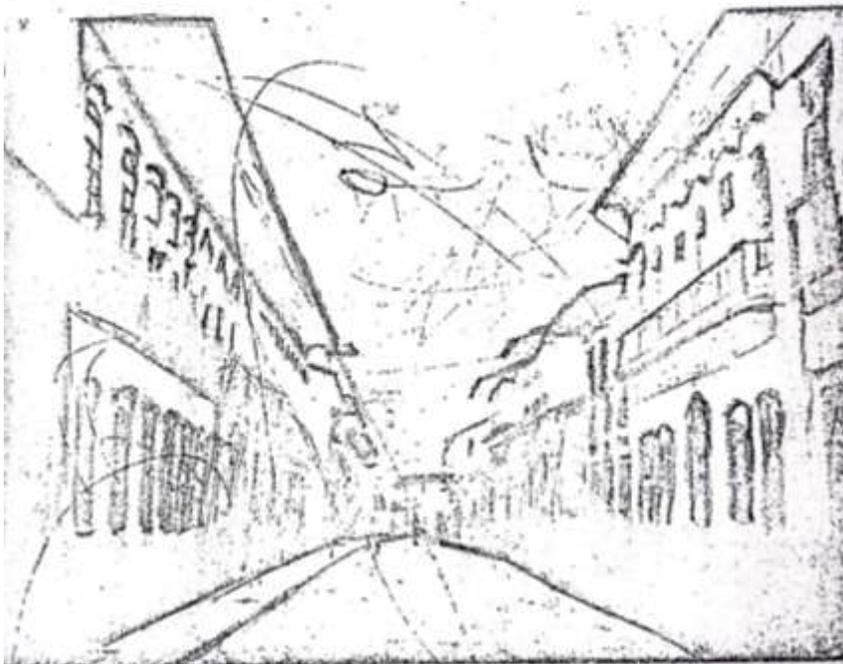


VIAGEM AO BRASIL-1896



TRADUÇÕES
ESCOLHIDAS

GEORGES ETIENNE DE CAUX

VIAGEM
AO
BRASIL
1896

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS DE

CLÓVIS DE FARIA ALVIM

ESCOLA DE ARQUITETURA DA U.M.G.
BELO HORIZONTE - 1964

Arquitetura é atividade que abrange larga faixa de conhecimentos, desde aquêles estritamente técnicos até as altas esferas da especulação filosófica. Em dadas circunstâncias porém, determinados aspectos que a informam passam a despertar maior interêsse tal como atualmente aquêles que dizem respeito à justiça social e às raízes nacionais que a integram.

Por isso se criaram agora na Escola de Arquitetura disciplinas correlacionadas com a sociologia e a economia, justificando-se, assim, se divulgue documentação correlata.

A presente publicação embora careça de erudição e extensão de maior vulto apresenta-se como bastante valiosa por revelar impressões curiosas de um estrangeiro sobre situações e problemas que ainda hoje constituem preocupação dos brasileiros quais sejam aquêles que se referem à sua economia agrária. A par de certa amargura despertada por dificuldades oferecidas pelo país ainda em formação, observações muito interessantes são feitas a propósito dos usos e costumes do país no princípio deste século e da cultura do café, apresentando-se deste modo, as impressões de viagem ora publicadas como documento cuja preservação se recomendava.

Sylvio de Vasconcellos



Georges-Etienne de Caux nasceu ao norte da França, em Moustier en Fagne, a 6 de dezembro de 1849, e faleceu na Bélgica, na cidade de Mons onde residia, a 2 de janeiro de 1916.

Filho de agricultor e fazendeiro ele próprio, dedicou toda a sua vida às atividades agrícolas, da qual se afastou apenas para fazer a guerra franco-prussiana de 70, sendo então condecorado com a Cruz Militar, pelos serviços prestados ao exército francês.

↳ Levado pelo desejo natural de rever o meu filho (1), estabelecido no Brasil, excitado pela atração de um negócio e pela curiosidade de ver um país tão interessante, embarquei-me em Marselha, a 10 de fevereiro de 1896, a bordo do "Béarn", com destino ao Rio de Janeiro.

Minha intenção é de falar especialmente do Brasil, e em particular do Estado de São Paulo, do ponto de vista agrícola; passarei rapidamente sobre os incidentes da viagem, para descrever melhor uma fazenda de café, cultura única e tão lucrativa desta bela província.

A travessia foi excelente, mas vou fazer abstenção da sua crônica; cada um conhece, ao memos de leitura, os prazeres e os aborrecimentos de uma viagem marítima.

O "Béarn" é espaçoso e confortável, mas um pouco lento. Favorecido embora por um tempo soberbo, só chegamos ao Rio a 4 de março, depois de ter feito escala em Barcelona, Málaga, Gibraltar, Madeira e Dacar. É verdade que um atraso de dois dias nos foi causado por um verdadeiro abuso das autoridades cariocas.

O comandante do "Béarn", homem intrépido, um pouco rústico, como deve ser um velho lobo do mar, mas muito jovial em certas ocasiões, preveniu-nos de que o serviço sanitário brasileiro não deixaria mais desembarcar os emigrantes da Europa, sem passar pela Ilha Grande, para fazê-los desinfetar. Ora, nós tínhamos a bordo 1100 emigrantes italianos, 350 sírios e ainda alguns polonêses, espanhóis e portugueses. Inútil seria apresentar-nos ao Rio sem cumprir as formalidades, embora o estado sanitário a bordo fôsse excelente.

Da sua primeira viagem ao Brasil deixou êle um caderno de notas, escritas ao acaso, sem nenhuma pretensão literária.

É um pequeno caderno escolar, de capa mole e preta, com folhas, já agora amareladas pelo tempo, literalmente cobertas pela sua letra firme e regular.

Durante muitos anos o manuscrito estêve desaparecido, esquecido talvez no fundo de alguma arca, ou propositadamente escondido pelo filho, que não aprovava integralmente o seu conteúdo. Com a morte de Raoul, ocorrida há alguns anos, em Itabira, encontrou-se o documento, entre os papéis do extinto. Não foi, entretanto, localizado outro caderno, correspondente à sua segunda viagem ao Brasil, mais interessante e prolongada do que a primeira. Já familiarizado com o país, aprendeu a sua língua, amou a sua gente, e quis mesmo estabelecer-se aqui, como fazendeiro. Não realizou, contudo, o seu sonho, deixando aos filhos, que aqui se radicaram, a incumbência de transformá-lo em realidade.

A narração da sua viagem sai da sua pena quase que espontâneamente, sem nenhum artifício literário. Flui fãcilmente, como a água da fonte, sem interrupção. Poucas rasuras no texto. Estilo simples, claro e conciso. Bom observador vai êle anotando dia a dia os incidentes da viagem, a sua emoção diante da terra nova e fecunda. Não lhe escapam os aspectos pitorescos da paisagem, o exótico dos costumes, desde a constante importunação dos cambistas de loteria à maneira de alimentar-se ou de vestir-se do brasileiro do século passado.

Entusiasmado com a cultura do café, não cessa de louvar o clima e a terra, a terra roxa de São Paulo que produz em abundância, as preciosas bagas vermelhas.

Não teve, porém, boa impressão dos homens. Traça um retrato pouco lisonjeiro do fazendeiro paulista e do brasileiro em geral.

Sua crítica, que nos parece injusta, talvez possa ser compreendida pela situação do país aquela época, mal saído da escravatura, com a sua economia particularmente a agrária, totalmente desorganizada.

O autor visitou uma região bravia, então pioneira. Demorou-se mais no contato com os capatazes e emigrantes do que com homens de tradição e de cultura.

Há que considerar ainda o "complexo de superioridade" do europeu diante dos povos de outros continentes, considerados, injustamente, como inferiores, bárbaros e ignorantes.

Estas fórmulas estereotipadas, que procuram retratar o caráter nacional são, no dizer de Eysenck, falsas e perigosas (H. J. Eysenck: Usos e Abusos da Psicologia, IBRASA, São Paulo, 1960). Não correspondem à maioria dos nacionais. São meras generalizações, imbuídas de preconceito, que traduzem a rivalidade entre as nações ou entre os continentes.

C.F.A.

Realizou ele duas viagens ao Brasil, para rever os seus filhos Raoul e Max (um francês e outro Belga ambos brasileiros de adoção (1 e 2)).

Na sua primeira viagem, de 1896, visitou o Estado de São Paulo, onde residia então o seu filho Raoul, interessando-se particularmente pela cultura do café. Na segunda, em 1910, percorreu grande parte do Estado de Minas, para rever ainda uma vez os seus filhos, que aqui haviam se radicado.

1) Raoul de Caux, nascido em Epp - Sauvage, norte da França, e 05-11-1874, e falecido em Itabira, Minas Gerais, em 15-10-1959. Chegou ao Brasil em 1895, contratado como agrônomo e administrador da Fazenda Dumond, no Estado de São Paulo. Ali permaneceu alguns anos e depois transferiu-se para Itabira, como professor do Instituto Agronômico daquela cidade. Contraiu casamento com Bernardina Martins da Costa, em 29 de abril de 1900, deixando numerosa descendência. Com a extinção do Instituto Agronômico em 1898, mudou-se para Sant'Ana do Alfié, município de S. Domingos do Prata, estabelecendo-se ali como fazendeiro e vitivinicultor, na localidade denominada "Bicudo". Homem de fino trato e de grande capacidade de trabalho, exerceu grande influência no desenvolvimento da região, incentivando com a sua técnica o aprimoramento da agricultura, especialmente o cultivo as videiras, introduzindo ali a fabricação de vinhos, que se tornaram logo afamados. (Nota do tradutor).

2) Max de Caux, nascido a 28 de agosto de 1875 em Tertre, Bélgica, e falecido em Itabira, Minas Gerais, a 21 de outubro de 1954. Chegou ao Brasil em 1905, dirigindo-se logo para Itabira, onde já residia o seu irmão. Casou-se com Maria do Rosário Martins da Costa, deixando também descendentes. Exerceu várias atividades, entre as quais, a de professor do Ginásio Sul America no e a de agrimensor (Nota do tradutor).

Um pouco antes da nossa chegada, uma circunstância imprevista fê-lo mudar de idéia. Fomos ultrapassados pelo "Rosário", navio italiano, menos carregado do que o nosso, mas levando também 400 emigrantes. Este, sem se incomodar com as prescrições brasileiras, penetrou no porto, inspirando ao comandante do "Béarn" a mudar a direção do seu barco, para ancorar em seguida na baía.

O serviço sanitário brasileiro apresentou-se primeiro a bordo do "Rosário"; encontrou o barco em condições suficientemente boas para deixar desembarcar os seus passageiros. Ficamos contentes, não duvidando que a mesma acolhida nos fôsse reservada. Mas ao contrário, os senhores do serviço sanitário fizeram-se de importantes, de homens cônscios dos seus deveres e não quiseram nem ao menos subir a bordo, sob o pretexto de que nós tínhamos 1500 emigrantes, ao passo que o "Rosário" levava apenas 400, exigindo-nos passar pela Ilha Grande afim de fazer a desinfetação, antes de aportar à sua capital, infestada pela febre amarela (3).

Apesar dos nossos protestos fomos obrigados a passar pela Ilha Grande, com uma perda de 48 horas, porque não tínhamos, como os italianos, um navio de guerra ancorado na baía, para dar mais força às nossas reclamações. Este

3) A febre amarela chegou ao Brasil em 1685. No ano seguinte foi identificado o seu primeiro surto epidêmico, na província de Pernambuco.

O médico português João Ferreira da Rosa, no seu "Tratado Único da Constituição Pestilencial de Pernambuco", editado em Portugal em 1694, descreveu o mal, que teria sido importado da Costa da África, por navio mercante, procedente de São Tomé. Segundo Cruz Jobim, entretanto, o flagelo atingiu o Brasil levado por uma nau francesa - a "Oriflame", procedente do Golfo do Sião, em 1685. Uma epidemia anterior, não bem caracterizada, referida pelo Padre Simão de Vasconcelos, teria ocorrido na Bahia em 1549.

Não há dúvida, entretanto, que o mal chegou por via

infeliz navio era o "Lombardia", já devastado pela febre amarela. O seu comandante morreu primeiro e dos 180 homens da sua tripulação, apenas sobreviveram 40.

Os brasileiros nada fazem para sanear a sua capital; acham que esta febre lhes é favorável. É muito temida dos europeus para que estes venham a lhes fazer uma concorrência incômoda nos seus negócios; ela os livrou do "Lombardia". Um serviço a mais, como este, e eles a louvarão.

Na rota para a Ilha Grande não nos aproximamos muito da costa, porque era tarde e a noite escura. O comandante bem sabia que nas suas vizinhanças há velhos roche-

marítima. "A febre amarela segue a rota dos navios", escreve A. de Almeida Prado (in "As Doenças Através dos Séculos". Editôra Anhambi, São Paulo, 1961, pág. 62). E acrescenta êle: "As epidemias que reinaram na Europa, em diversos pontos do Mediterrâneo, em Cadiz, Barcelona, Gibraltar, Pôrto e Lisbôa foram veiculadas por êles". "A febre amarela clássica, no dizer de Griesinger, é essencialmente uma doença litorânea".

A epidemia de 1686, reconhecida primeiro em Pernambuco, atingiu também o Rio, seguindo a rota dos navios. Fêz 4.160 vítimas na população da cidade, que contava então 166.000 habitantes.

Depois desta primeira investida a moléstia desapareceu quase que completamente das nossas costas, registrando-se apenas, na Bahia e no Rio, alguns casos esporádicos, como refere Flácido Barbosa.

Em 1849 nôvo foco epidêmico instalou-se na Bahia, desta vez trazido pelo navio "Brasil", que ali aportou em outubro do mesmo ano, vindo de Nova Orleans, onde grassava o mal. O flagelo estendeu-se rapidamente ao Rio e às Repúblicas do Prata, fazendo milhares de vítimas. Refere ainda Almeida Prado, de quem tomamos estas notas, que "não havia mais entre os médicos do tempo memória do surto de 1686: o mal, ao reaparecer, era completamente-

dos, que ameaçam os barcos. Por prudência esperamos o raiar do sol. Tínhamos bastante tempo, porquanto o serviço de saúde da Ilha não nos molestaria antes das 9 horas da manhã.

Enquanto aguardávamos o dia podíamos contemplar o magnífico espetáculo que nos oferecia a natureza adjacente, no apertado espaço entre o continente e a Ilha. Numerosas ilhotas, recobertas por uma vegetação admirável e cercadas por rochas enormes, formam com a água, lindas paisagens. As montanhas, recobertas de árvores floridas e de frutos variados, têm o cimo escondido nas nuvens. Pequenas casas, dissimuladas ao meio da verdura, fazem parecer estes lugares extremamente agradáveis.

desconhecido".

Estabeleceu-se então uma acirrada controvérsia entre os médicos locais e outros, estrangeiros, que clinicavam ali: os irmãos Alexandre e John Ligertwood Paterson e o alemão, Wucherer. Estes últimos reconheceram acertadamente a moléstia e alertaram o povo "a fim de prevenir que este flagelo se espalhe tanto por outras partes desta mesma província como pelas províncias do império".

Os enciumados "nacionalistas" de então, movidos por preconceitos ou por motivos puramente sentimentais, de falso patriotismo, contestaram o diagnóstico. Com a sua atitude, prejudicaram e retardaram as medidas profiláticas de proteção contra o mal. O flagelo alastrou-se rapidamente e atingiu o Rio, levado pela barca dinamarquesa "Navarre", que escalou na Bahia. A 28 de dezembro de 1849 declaram-se os primeiros casos, na estalagem da rua da Misericórdia, frequentada por marinheiros. E logo assolou a cidade, "sem que ninguém atentasse na importância do fato". E reinou endêmicamente, na antiga Capital Federal, até que, ao início do século, foi erradicada, graças aos trabalhos de higiene e profilaxia dos médicos patricios, capitaneados por Oswaldo Cruz. Em 1928 registrou-se a última epidemia, prontamente debelada pela ação de Clementino Fraga (Nota do tradutor).

Mas, eis a barca que nos traz êstes senhores do serviço sanitário. Estão munidos de latas, cheias de diversas drogas, com as quais pretendem desinfetar o navio, espargindo o seu conteúdo. Cada uma vale 25 francos, mas êles pedem 500. É sempre assim.

À tarde, terminadas as operações, estamos suficientemente saneados para entrar no Rio, mas é noite e isto ficará para amanhã. Vamos dormir na baía e o odor que dela emana não é nada agradável. Por pouco que aí se permaneça, julgo que se torna indispensável fazer-se desinfetar (4).

No dia seguinte, pela manhã, disse adeus aos meus companheiros de viagem e tomei uma barca; meia hora depois estava em terra, no Rio de Janeiro, capital dos Estados Unidos do Brasil. Chovia torrencialmente. As ruas estavam inundadas, como se rios fôsem e a febre amarela grassava intensamente.

No hotel não consegui repousar sôbre o leito, semelhante às tábuas da sala de polícia, o lençol tão pequeno como um lenço de bolso, e com mosquitos insuportáveis. Por tôda a parte é a mesma coisa e devo logo me acostumar.

O hoteleiro me disse que em pouco tempo perdeu 4 hóspedes, que morreram na sua casa, atacados de febre amarela. Resolvi então deixar o mais depressa possível êstes lugares empestados e no dia seguinte tomei o trem às 6 horas, com destino a São Paulo.

A viagem oferece belos espetáculos e também muita emoção a quem a empreende pela primeira vez. Nas elevadas montanhas, recobertas até o cume por uma vegetação luxuriante, o trem faz curvas e inclinações vertiginosas. Dezoito túneis existem na saída do Rio. Quando é dia podemos contemplar de um lado, precipícios madenhos,

4) Esta baía forma um dos mais belos portos do mundo. Tem uma orla aproximada de 200 kms., bastante para abrigar tôdas as frotas do globo (Nota do autor).

e do outro, montanhas cada vez mais altas e quase sempre escondidas por nuvens espessas, mas sempre recobertas por uma vegetação admirável.

A hora oficial da chegada a São Paulo é 8.45 hs. da noite, mas de ordinário, quando tudo corre bem, há um atraso de uma hora ou duas. Neste dia chegamos às 2 horas da manhã, depois de uma viagem de 20 horas, interrompida é verdade, por um retardamento forçado de 4 horas, em pleno campo. Fomos impedidos de continuar por outro trem descarrilhado, e obrigados a esperar que se formasse outro, do lado oposto, para continuar a viagem. Adiante, numa estação intermediária, jantamos com prazer e tomamos outro comboio, porque a bitola não tinha a mesma largura. Este inconveniente existe sempre, porque cada companhia adota uma bitola diferente, o que é incômodo para os passageiros e ainda mais prejudicial ao comércio, devendo as mercadorias sofrerem baldeações muito onerosas.

Estas longas viagens por estradas de ferro são bastante desagradáveis. Por causa do calor tôdas as portas estão abertas; uma onda de poeira vermelha recobre logo as vestimentas e nos desseca a garganta.

Já disse que a linha descreve constantemente, curvas, sem necessidade, e das quais não fazemos a menor idéia (5). A explicação que me deram é que os engenheiros se arranjam com os empreiteiros, de maneira a lhes fornecer uma nota com a maior extensão possível de trilhos.

Além destes inconvenientes, os carros são bastante confortáveis. Há um reservado com água, onde os passageiros podem ir se refrescar e se lavar e dêles se aproveitam muito. Não há senão duas classes. A segunda é apenas frequentada pelos negros e emigrantes. Em cada estação existe uma plataforma elevada, que permite o desembarque dos passageiros sem necessidade de escada. Nas paradas podemos tomar uma excelente xícara de café por

5) Perdêm tempo e terreno, num país onde isto são coisas de pouco valor (Nota do autor).

0,10 c. Negrinhos vendem diferentes espécies de frutas: laranjas, bananas, figos e abacaxis, etc. Tudo isto faz desejos, mas chegado recentemente, é necessário resistir à sua sedução, pois todos estes excelentes frutos estão mais ou menos contaminados.

Os postes do telégrafo são de ferro, o que é bastante extraordinário, pois as madeiras se encontram no próprio local e o ferro é importado da América do Norte, e custa muito caro.

Ao longo da linha, do Rio a São Paulo, as terras, outrora muito ricas, não apresentam mais do que vestígios de cafezais. Estão depauperadas e não podem suportar a concorrência das terras roxas de São Paulo, das quais falaremos especialmente.

Mas, eis São Paulo, a capital d'êste estado tão florescente. A cidade, de uma extensão quase igual à de Paris, conta já 200.000 habitantes. Constroem-se aí, dia e noite, nos bairros ricos, sobrados da mais alta magnificência. Mas estas construções são geralmente exageradas e de mau gosto. Os seus proprietários são filhos da fortuna. Depois de terem cultivado o café por alguns anos, constrõem os seus palácios pretenciosos, com o produto desta mina de ouro. Mas não usufruem dêles por muito tempo. Contaminados pela febre do jôgo, gastam as suas fortunas, por vêzes mais rapidamente do que a anealharam. Quando não têm mais vintém, vendem as suas jóias e as de suas mulheres, para tentar um último lance. Se a sorte continua a lhes ser adversa, voltam ao trabalho, sem terem perdido nem a consideração nem o crédito.

A cidade de São Paulo, 750 metros mais elevada do que o Rio, tem a vantagem de ser sadia. As ruas são largas e deixam circular o ar. São cortadas em todos os sentidos por linhas de bondes, sempre lotados de gente, pois ninguém anda a pé. Encontram-se luxuosas carruagens. A vida é muito mais cara do que no Rio, mas apesar dos preços exorbitantes dos hotéis, não há conforto.

A colônia francesa está representada por duas cu

três casas de importação e por outros desclassificados, que fazem um pouco de tudo. Há ainda 200 modistas, que sustentam os seus maridos, com o produto do seu trabalho (6).

Em certas ruas o vício campeia sem pudor em pleno dia. Em tôdas há casas comerciais, que não vendem outra coisa senão bilhetes de loteria. Esta grande flibusteira corre todos os dias. Na rua, na estrada de ferro, em tôda a parte, somos importunados pelos seus cambistas.

Os cafés se denominam confeitarias. A palavra é significativa, indicando que aí se consomem mais bolos e doces do que líquidos. Considero este hábito a causa da má dentadura dos brasileiros. Se eles não usam dentaduras postizas, todos os seus dentes estão recobertos de ouro. Nada mais feio do que estas bocas, metade branca, metade amarela. Que contraste com a dentadura tão regular e tão branca dos italianos.

Encontram-se nas confeitarias todos os refrigerantes desejáveis. Consomem-se muito o chocolate, o chá e sobretudo o leite, vendido em garrafas e trazido do Estado de Minas, não sei por qual processo de conservação. Quanto ao café não o encontramos senão em estabelecimentos de segunda ordem e custa apenas 0,10 c a xícara. Em nenhum lugar podemos encontrar fósforos, jornais ou ma-

6) A mulher brasileira não aparece nas ruas. Os costumes ciumentos fazem ainda a lei. Vive ela enclausurada nos seus aposentos que, por felicidade, têm janelas para fora.

Nas ruas, muitos vagabundos parecem ignorar o valor do tempo. São afáveis e hospitaleiros e manifestam a sua amizade e a sua alegria com entusiasmo. Tais são os principais caracteres do brasileiro, que lembram o musulmano, na sua indolência e no seu fatalismo. Gosta mais de representar o papel da tartaruga que o da lebre. Tem pouco gosto para a leitura. Os romances franceses que folheia não são apropriados para satisfazer o seu espírito ou a temperar o seu caráter (Nota do autor).

erial para escrever. Para chamar o garçon temos que bater palmas. Seria impolido bater no copo ou na mesa. Igualmente para entrar nas casas temos que bater palmas, pois elas não dispõem de campainhas.

Quando os amigos se encontram na rua, não se dão a mão. Abraçam-se reciprocamente, com palmadinhas no lombo, o que é bastante cômodo.

Os passeios à noite são perigosos, pois estamos ariscados de sermos saqueados... pela polícia. Esta é recrutada no exército e organizada militarmente. Só no Estado de São Paulo conta mais de 6000 homens, quase todos negros ou mulatos, recrutados entre os vagabundos e malfeitores. Que pobre exército! Que polícia perigosa! Os culpados são soltos quando não têm dinheiro; quando ricos, são igualmente libertados, mediante propina. A mesma coisa acontece com a justiça, que dá sempre razão ao mais rico.

Com exceção do café, da carne, do açúcar, da aguardente e do fumo, que são relativamente baratos, os demais produtos são caros, porque não há aqui nenhuma indústria. A única produção do país é o café, sempre o café. Desta forma ele se torna tributário dos outros. Os principais países compradores são a Alemanha, a Inglaterra e a América do Norte. A França não importa senão o vinho (mas da Itália), roupas feitas e papel de cigarro.

As pedras preciosas e os diamantes, das quais os judeus fazem monopólio são aqui mais baratos do que em França. Os ricos joalheiros de São Paulo vendem facilmente os seus artigos preciosos, porque o primeiro investimento de um novo-rico faz-se na compra de jóias, cuja ostentação será o único meio de apregoar a sua riqueza. Ele não conhece a caridade; se acaso faz donativos é com a maior ostentação e na esperança de que os jornais falem da prodigalidade.

Meu filho me esperava na cidade e dois dias após partimos juntos para o interior, rica região, ainda pouco explorada, onde o café dá um rendimento extraordinário.

A província de São Paulo começou tardiamente a cultivar o café, mas faz cada dia maravilhosos progressos, graças ao seu solo e ao clima, dos mais favoráveis. A qualidade do produto é superior ao das outras províncias brasileiras. Como a minha intenção é de descrever especialmente esta cultura tão lucrativa, peço licença para lhes apresentar um grande personagem. Que homem é este, de figura esquelética, côr de azeitona, de dentes de ouro e expressão singular, botas amarelas, com grandes esporas, terno de linho, já poído, roupas brancas, mas rasgadas, grande chapéu desabado, os dedos recobertos de brilhantes, mãos afeitas a enrolar o cigarro, a apalpar a gravata e por vêzes a se assoar ... sem o lenço? É o fazendeiro paulista. Vindo do nada, hoje êle possui milhões. Se venceu, não foi pela sua ciência, mas pela força das circunstâncias. O destino o fêz nascer nesta região de terra rixa como o sangue, tão favorável quanto o seu clima à produção de café.

Vias férreas favorecem a produção e facilitam o seu escoamento e também atraíram um grande número de emigrantes.

Foi depois da abolição da escravatura, em 1888, que a cultura do café ganhou extensão, com o auxílio do braço importado da Europa, especialmente da Itália. Os escravos cultivam muito caro, não permitindo êste grande desenvolvimento. Comprado a 200 frs. na costa da África, um escravo era revendido na América por 2000 frs. Êste comércio, tão lucrativo como vergonhoso, enriqueceu muitos comerciantes ingleses e brasileiros. As maiores fortunas do país não têm outra origem. A escravatura, além de constituir um verdadeiro crime, sob o ponto de vista humano, era contrária aos interesses dos verdadeiros agricultores.

Partimos de São Paulo às 5 horas da manhã e baldeamos de trem em Campinas, para outra bitola mais estreita, da Sociedade Mogiana (7) e chegamos às 8.30 hs da noite, em

7) A estrada estende as suas curvas ousadas por regiões férteis e bem cultivadas. Penetra na região oci-

Ribeirão Preto, desta feita quase sem atraso. Passamos a noite nesta localidade, para tomar no dia seguinte à tarde, o trem da Fazenda Dumont, da qual falarei longamente, porque esta fazenda-módulo merece uma longa descrição.

Há 13 anos não havia em Ribeirão Preto senão três casebres; hoje é uma cidade de 15.000 habitantes, que se transforma tão rapidamente, que, revendo-a dois meses mais tarde, encontrei tudo mudado. Há muitas casas comerciais, bem sortidas, como tudo que se deseja, mas por preços exorbitantes.

Nã manhã seguinte deixamos o leito duro e primitivo do nosso hotel e tomamos, na estação Dumont, o trem para a fazenda, meta da minha viagem.

Graças a esta pequena estrada de ferro, propriedade da Sociedade Dumont, as comunicações são relativamente fáceis com a fazenda, que é sem rival no mundo, em extensão e beleza das suas plantações. A estrada tem 60 kms de extensão, incluindo as ramificações, com as colônias dispersas, habitadas por famílias, que trabalham na lavoura. Serve também às fazendas que se situam ao longo da linha. Uma delas pertence ao Sr. Schmidt, um alemão totalmente analfabeto, que chegou como colono, há 13 anos, e que hoje possui uma propriedade de 5 a 6 milhões de francos.

O Sr. Cornélio, diretor da fazenda, estava ausente, com toda a sua família, em villegiatura, mas estava sendo esperado e o meu quarto, arranjado: vasto salão, situado

dentral da provincia tão rica e fecunda, da qual os paulistas se orgulham muito justificadamente. A floresta alterna-se com belas lavouras de café. O solo torna-se uniformemente vermelho-sanguíneo. É constituído por uma variedade de terra muito barrenta, que dessecada ao sol, transforma-se em fina poeira, que cobre todas as coisas e todo o mundo de uma fina camada de ocre. É esta a terra prodigiosa, que rende ao centuplo a semente que lhe é confiada (Nota do autor).

no alto, com 2 camas, um lavabo, uma mesa de cabeceira, uma cadeira e... duas escarradeiras. Tropeçamos com estes pequenos objetos em todos os quartos. Há 6 dêles na sala de jantar. Dois centímetros de lama vermelha recobrem o assoalho, sobretudo nos dias de chuva. Mas o que poderia ser facilmente liquidado são as grandes teias de aranha, que orlam as paredes. Com um pouco de cuidado poder-se-ia também expulsar as monstruosas aranhas, as enormes bruxas noturnas e outros insetos, que fazem tranquilamente o seu domicílio ali e dão aos estrangeiros uma impressão desagradável. Depois de haver arrumado as minhas malas no quarto, tomei um banho e fui para a mesa.

Há perto da fazenda, habitação particular da família Cornélio, um hotel onde se hospedam e tomam refeições os principais funcionários administrativos, contadores, médicos, etc. Depois de algum tempo o hotel ficou sem gerente, de maneira que todos faziam as suas refeições na fazenda. Tínhamos à mesa numerosa companhia. Fala-se aí um pouco de tôdas as línguas. Estes senhores, de nacionalidades diferentes, vivem entretanto, em boa harmonia. Percebe-se a ausência do dono. Cada qual toma prazerosamente a direção, mas ninguém quer assumir as responsabilidades.

A mesa é farta. A cozinha brasileira parece bastante exótica para os nossos estômagos. Lamentei somente a ausência da sopa e do pão. Todos os pratos são postos na mesa. Não há serviço. Cada um arranja-se à sua moda. Serve-se a si próprio duas ou três variedades de carne, corta-se no seu prato e depois ajunta um ovo e mais o tradicional arroz com feijão. Mistura condimentos diversos e depois amalgama tudo no seu prato e o absorve conscienciosamente, sem se incomodar com o seu vizinho.

O método brasileiro é de levar os alimentos à boca, com a ponta da faca, não servindo o garfo senão para ajuntar o todo sobre aquela. Salvo os copos, que são de cristal, o resto não ostenta nenhuma espécie de luxo. O guardanapo de algodão é do tamanho de um lenço de bolso. Os talheres são de ferro batido e os pratos de louça co-

num. Temos perto uma garrafa de vinho, ou pelo menos uma mistura qualquer que o assemelha pela cor. Num canto, sobre um aparador, um grande pote de barro contém excelente água. Quando o coração pede, pegamos o nosso copo e fazemos uma pequena viagem até o pote, para o encher.

À sobremesa, uma menina descalça, de 12 anos de idade, com ar indiferente, que até então se conservara imóvel a um canto, aproxima-se, leva os pratos servidos e os substitui por outros. Traz então excelentes bolos e doces diversos, que são comidos com queijo; um não vai sem o outro. Pouco amante de doces, não consegui comê-los, tão açucarados estavam. Há uma grande variedade dêles, feitos com diversas espécies de frutas, porém, os mais apreciados são o doce de leite e o de batata doce.

Depois da sobremesa, a menina de pés descalços serve um delicioso café. Se até aqui o serviço deixou muito a desejar, temos agora um excesso contrário: o café já vem açucarado, é um verdadeiro xarope. Todos os convivas fazem uma imensa consumição de palitos. Dizem até que esta é a maior indústria do país.

Poder-se-ia pensar que esta ausência de serviço fôsse motivada por uma economia mal dirigida, em casas tão afortunadas. Nada disso. Há na cozinha 5 ou 6 negras desocupadas, que fumam cachimbo, e que bastariam amplamente para manter a casa em boa ordem, se fôsem bem orientadas. Mas, ah! as donas de casa são ignorantes e não sabem ser patroas. Elas são dignas de dó. Esta vida passada na mais completa ociosidade lhes deve ser extremamente aborrecida. Estão sempre assentadas em cadeiras de estirar, na varanda ou à janela. Parecem muito curiosas, mas fogem à aproximação do estrangeiro.

Meu filho veio dormir no meu quarto. Não descansei bem na primeira noite, deitado sobre um leito duro, com um lençol que me cobria pela metade, deixando o resto do corpo exposto às picadas dos mosquitos e de outros insetos, que tranquilamente vivem ali. Na manhã seguinte, o meu filho saiu a cavalo para o serviço. Combinamos que à tarde iria visitá-lo em companhia do doutor. É preciso

dizer que êle não mora como os outros administradores, no hotel da fazenda. Foi-lhe confiado um lugar de importância, mais retirado, na colônia de Pati, a duas léguas de distância. Um trole, tirado por duas bestas, e conduzido por um negro, levou-nos o doutor e eu. Este veículo de 4 rodas, bastante flexível, com assentos próprios, enfrenta qualquer caminho, sem perigo de tombar.

Atravessamos lavouras (8) a perder de vista, com cafezeiros de 2 a 4 metros de altura, com os ramos curvados ao péso das bagas, que começam a madurar. É lindo, sobretudo como renda, mas muito mais monótono do que os nossos campos, de culturas variadas. Antes de chegar à colônia de Pati, temos que atravessar um bosque, uma floresta virgem. Já as tinha visto anteriormente, ao longo das estradas de ferro, sem poder examiná-las de perto. O aspecto destas árvores gigantescas, mergulhadas na mata, enleadas inteiramente por trepadeiras, desde o humilde cipó às lianas às mais diversas, é verdadeiramente impressionante. A natureza sempre verde oferece grande variedade de flôres. As grandes árvores ostentam sobretudo uma bela copa vermelha. As orquídeas, que as parasitam, são ainda mais lindas. As campanulas, as clematites, as glicínias e muitas outras apresentam também uma floração constante e variada.

À saída da mata fica a colônia de Pati, situada como tôdas as outras, num pequeno vale, onde jorram vários mananciais de água, límpida e abundante.

8) De fileiras regulares, com folhagens reluzentes e sombrias. A terra é cuidadosamente ajuntada em volta dos pés de café.

Lá estão os carros de bois, assentados sobre toscos eixos de madeira e providos de rodas maciças. São puxados por 7 ou 8 juntas de bois, que se dispõem em fila. A pesada engrenagem avança lentamente. Uma haste de madeira especial tira, do seu atrito com as rodas, notas graves, eternamente iguais. O carreiro e os seus bois amam esta cantiga, que se perde ao longo (Nota do autor).

64 famílias italianas aí residem, em casas de tijolos queimados, e recobertas de telhas vermelhas. Cada unidade abriga 4 famílias, tendo cada qual 2 ou 4 cômodos, segundo à sua importância. Os cômodos não têm o teto forrado, de maneira que as telhas estão à mostra. A ausência de forração, apesar de chocante, tem a vantagem de permitir maior circulação de ar dentro das casas. São moradias bem cuidadas, com camas adequadas. A um canto da sala arde a lenha. O combustível nada custa. Basta dar-se ao trabalho de o recolher fora (9).

A colônia forma um vasto círculo de bosques e de sebes artificiais. Neste espaço vivem em promiscuidade os animais domésticos, cavalos, vacas, cabras e porcos. Há cerca de 2000 animais, que dão aos colonos uma boa renda.

Mas, eis-nos em casa do meu filho, administrador da colônia de Pati, bem como da de Formiga e Sapezeiro. A sua casa é muito mais confortável que a dos colonos. Tem 6 cômodos, com janelas, pavimentados e forrados. Meu filho me esperava e fez com alegria as honras da casa. Mostrou-me o seu cavalo, a sua vaca, as suas galinhas e o seu jardim, único exemplar em toda a propriedade. Depois me apresentou a sua cozinheira, - Gilouta - uma negra puro sangue, que faz a comida e lava admiravelmente a sua roupa, sem nunca tirar o cachimbo da boca. Seu marido - Joaquim - cuida dos cavalos e carrega lenha para a caldeira do moinho de milho, instalado em Pati. Parecem ter 40 a 45 anos, mas eles ignoram a sua idade. É um belo casal, bem ajustado e de confiança. São antigos escravos, que permaneceram agregados à fazenda, mesmo depois de libertados. Aquêles negros que como estes, não se aproveitaram da liberdade para buscar aventuras, são muito bons, trabalhadores e acomodados (10). Acabada a

9) Sobre as paredes caiadas de branco, aqui e ali, lembranças da terra natal e estampas de santos (Nota do autor).

10) Depois da abolição, seguiram muitos para as províncias do norte, onde domina o elemento negro; invadi-

inspecção e satisfeita a minha curiosidade natural, voltamos à fazenda utilizando a mesma condução.

Na manhã seguinte convidaram-me para uma caçada a cavalo: o novo gênero de esporte agradava-me sobremaneira, mas não estando habituado a montar, sobretudo com uma arma carregada, fiquei apreensivo. Mas deram-me uma montaria tão macia de trote, que não fiquei surpreso, ao tornar-me de repente, um excelente cavaleiro.

Eis-nos então a caminho da caça, com 5 companheiros, num campo imenso e afastado. Estas terras ocultas e muito baixas para a cultura do café converteram-se em capões. São cobertas por uma vegetação da altura de um homem, entremeadas de arbustos e de palmeiras anãs. É impossível atravessá-las a pé. Aí, a caça leva sempre vantagem sobre o caçador.

A nossa primeira e curta investida, não foi entretanto, de todo improdutiva. Trouxemos algumas aves, bastante raras, e duas perdizes, do tamanho de uma galinha. As lebres, ao contrário, são pequenas. Caças de maior porte são os porcos do mato, veados e antas.

Desde então fizemos numerosas caçadas, sempre com prazer e um pouco de fadiga. Por vezes passávamos mais de 10 horas a cavalo. Estava sempre acompanhado do administrador e de um negro, bom e fiel, o melhor que já encontrei da sua raça, da cor de ébano, com 1,90 de altura, ar inteligente e admirável caçador.

Bom José! Ele ria de todo o coração quando me via errar o alvo, mostrando os seus dentes brancos e abrindo desmensuradamente os seus olhos esmaltados.

Um dia, quando o cachorro acuava uma caça, ele me fez descer do cavalo para melhor atirar no animal que em breve iria se apresentar. Súbitamente o cão parou de latir e recuou amedrontado. José chamou-o e me disse: "Não

ram as cidades, vivendo os homens não se sabe como; sabe-se bem de que vivem as mulheres (Nota do autor).

se aproxime, Senhor. É uma cobra, que tem o mesmo cheiro da perdiz. É por isso que o cachorro se enganou". Ame-drontado, precipitei-me sobre o meu cavalo, que surpre-endido, fugiu à minha aproximação. Inútilmente procurei alcançá-lo. José correu ao seu encontro. Foi então que este negro me pareceu soberbo. Com o corpo apumado nos estribos, o braço esquerdo estendido, empunhando a espingarda, ele picou a sua montaria, já bastante carrega-da com o péso do cavaleiro e de um grande porco do mato, e encontrou logo o fugitivo, devolvendo-o ao seu dono. Passando por um riacho demos água aos cavalos. José me convidou para matar a sede, mas temendo estas águas pes-tilentas preferi conservá-la. Ele encheu água o seu grande chapéu de feltro e esvaziou-o em seguida. Este negro bravo e soberbo, tão forte quanto corajoso, é le-nhador de profissão; ganha 20 a 25 frs. por dia. Acabou de comprar uma espingarda de dois canos, calibre 24 por 300 frs., que não vale mais do que 80, na Bélgica.

Três dias após a minha chegada à fazenda, achei me-lhor deixá-la e ir morar com o meu filho, em Pati, onde me encontraria à vontade.

A primeira noite que ali passei não foi muito boa. Fui incomodado pelos ratos e despertado constantemente pelos relinchos, mugidos, balidos, latidos e sobretudo pelos grunhidos dos numerosos hóspedes que habitavam o porão. Na manhã seguinte acabei com os ratos e nas ou-tras noites não ouvi mais o rumor dos animais.

Todos os dias saíamos a cavalo, meu filho e eu, para visitar as lavouras ou as suas vizinhanças. Gostava tam-bém de vagar pelo mato, respirando o seu perfume ou exa-minando detidamente esta bela natureza selvagem. Percor-ria sempre o mesmo caminho já batido, evitando perder-me no seu interior impenetrável. Nas altas ramagens viam-se papagaios, periquitos e uma variedade infinita de pássa-ros, grandes e pequenos, da mais bela plumagem. Colí-bris, com ferrões agudos, borboletas enormes volteiam em derredor. Borboletas surpreendentes, que se abrem e se fecham lentamente, assemelhando-se a fôlhas quando estão dobradas, e cintilantes, de um azul nacarado, quando

abertas. Os largatos, preguiçosos e inofensivos são também lustrosos.

Tendo perdido a sua montaria, fomos um dia, meu filho e eu, visitar um criador de cavalos, a três léguas de Pati. Era um pequeno fazendeiro, que tinha 100.000 pés de café e ainda pastagens imensas para a criação de animais. Ali presenciamos com agrado a captura dos animais, feitas a laço. Depois de examinar vários, apanhados desta maneira, escolhemos uma bela besta, de 4 anos, recentemente ensinada, que foi comprada por 600 frs. Os cavalos capões são relativamente caros, mas as éguas são baratas. Mas não é considerado honroso montá-las, razão pela qual são deixadas aos colonos. Todos êles possuem animais. Destinam o seu primeiro lucro a esta aquisição, que é anunciada à família, que ficou na Itália, com alegria.

Na casa deste senhor, criador de cavalos, reina a mesma simplicidade da Fazenda Dumont. Móveis simples, entremeados de arreios, freios, estribos e laços. Nenhum jardim ou outra plantação. Somente a casa e o cafezal, sempre o cafezal. É verdade que a natureza aqui dispensa os ornamentos, mas não ficaria mal à entrada da fazenda uma aléia de palmeiras. Árvores ornamentais e frutíferas escolhidas comporiam a paisagem e dariam mais sombra e frescura. Uma horta seria de grande utilidade. Meu filho cultivava, com êxito, em Pati, ervilhas, vagens, espinafre, rabanetes, alcachofra, cebolas, tomates, etc.

O brasileiro acha que não paga a pena plantá-los, que é mais cômodo comprar latas de conserva, por preços exorbitantes, destes produtos tão preciosos e tão fáceis de obter-se. Ele consome poucos legumes. O feijão com arroz e o chuchu, espécie de melão sem sabor, são os companheiros habituais das diversas espécies de carne.

O fazendeiro nos convidou para o jantar. Fiquei satisfeito, sobretudo pela oportunidade de conhecer outro interior, diferente do da Fazenda Dumont. Era o mesmo sistema, ainda mais primitivo. A dona de casa não apareceu. Todos os pratos estavam postos sôbre a mesa. Servi-

mo-nos a vontade. Como não havia guardanapos, cada qual limpava a sua boca na toalha. Se tínhamos necessidade de água, íamos ao pote tradicional que se encontrava a um canto. O pouco serviço que havia era executado por uma mulata descalça, com espáduas e colo quase nus, vestida com uma saia mal adaptada ao seu corpo e uma blusa leve cujo único botão entrava em casa errada.

Depois do jantar voltamos a galope a Pati, para não sermos surpreendidos pela noite.

No dia da Páscoa, preparamo-nos para ouvir a missa. A Fazenda Dumont, apesar da sua importância, não tem igreja nem padre. Decidimos então ir a Sertãozinho, um povoado novo, a 13 kms. de distância. Fomos a cavalo e mal aproximávamos da vila quando encontramos outros cavaleiros, vindos de outros lugares, com o mesmo objetivo. O nosso esforço foi inútil. O vigário de Sertãozinho, para dar maior brilho à cerimônia de Ribeirão Preto, dirigiu-se para lá, honrando-a com a sua presença. Foi sem avisar nada, abandonando os seus paroquianos.

Há nomes muito respeitáveis no clero brasileiro, mas no interior predominam os padres italianos, pouco disciplinados, que deixam muito a desejar. Não cumprem com zêlo os seus deveres, não fazem sermões e nem administram os sacramentos sem receberem primeiro uma boa recompensa. Chegam pobres e tornam-se logo ricos. Compram fazendas, usam abotoadoras de preços elevados, anéis de brilhantes e roupas pomposas. Abusam do violeta e até do vermelho cardinalício. Estes padres não têm nem a humildade nem o devotamento dos apóstolos de Cristo. São pouco respeitáveis e também, muito pouco respeitadas.

Sertãozinho é uma vila em formação, com ruas bem traçadas. Há cinco anos foi lançado o primeiro tijolo e hoje tem 5000 habitantes. Encontra-se aí tudo o que se deseja, mas por preços ainda mais elevados do que em Ribeirão Preto. É verdade que um carro-de-bois cobra 500 frs. para ir lá buscar as mercadorias. Há um projeto de estrada de ferro, que, se realizado, dará maior progresso à vila, que mal acaba de nascer. Fabrica-se aí uma cer-

veja bastante boa, que é vendida a 0,30 c a garrafa: e também uma aguardente de cana. O cultivador, com uma destilaria muito primitiva, faz 2400 frs de renda por hectare de cana de açúcar.

Não vi toda a Fazenda Dumont (11) mas já é tempo de descrevê-la, para mostrar-lhes como se obtém esta preciosa baga, apreciada por todos, grandes e pequenos, ricos

11) Primitivamente denominada Arindeúva, a Fazenda Dumont foi comprada em 1879, pelo engenheiro brasileiro Henrique Dumont, nascido em Diamantina, Estado de Minas Gerais. Não era natural da França, como figura no texto, mas descendia de franceses. Deixou numerosos filhos, entre os quais, Alberto Santos Dumont, o "Pai da Aviação", que ali passou a sua infância.

Em 10 anos de trabalho transformou Henrique a sua propriedade em uma fazenda modelar, tornando-se na época, o "rei do café", com 5 milhões de pés. Construiu êle mais de 30 kms de estrada de ferro dentro da sua propriedade, para facilitar o escoamento da sua enorme produção. Mandou buscar colonos italianos, para substituir, paulatinamente, o braço escravo, tornando-se, por conta própria, um dos pioneiros da emigração.

Apesar da sua fortuna, era um homem simples, de hábitos morigerados. Conta-se que um dos nossos estadistas, depois de percorrer demoradamente a sua fazenda, teria dito: "Ali tudo é grande, tudo é imenso; só há uma coisa modesta: a casa onde mora o fundador de tudo aquilo".

Ao cabo de alguns anos, Henrique Dumont foi obrigado, por motivo de doença, a vender a sua fazenda. Passou-a por 12 mil contos, - quantia fabulosa para a época - à Companhia Melhoramentos do Brasil, incorporada por Paulo de Frontin, Rocha Miranda e outros, que anos mais tarde, em 1894, transferiram à "Dumont Coffee Company", organizada em Londres, por capitalistas ingleses, o direito da propriedade (Nota do tradutor, tomada do livro de Henrique Dumont Vilares "Quem deu asas ao homem". Rio de Janeiro, 1957).

e pobres - o café. Este senhor e dono bem merece a nossa atenção.

Fundada por um francês do qual tomou o nome, a Fazenda Dumont foi vendida, há dois anos, a uma sociedade, pela quantia de 14.000.000 frs. O principal acionista, seu diretor e gerente, é o sr. Cornélio Procópio de Araújo Carvalho. Ele tem sob às suas ordens 7 administradores com as qualidades da sua raça. É um homem pequeno, nervoso e agitado, de instrução primária e cheio de defeitos. Como bom brasileiro, é esquecido, rotineiro, imprevidente e desdenhoso das coisas sérias e das idéias avançadas. Não acrescentou nenhum melhoramento à obra do sr. Dumont. Tem muitos projetos, mas sempre os adia para mais tarde. Logo que os concebe, esquece-os. Seu único princípio é a economia, repetido sem cessar aos seus administradores.

Já disse que a companhia tem uma estrada de ferro própria, que a liga ao ramal de Ribeirão Preto. Esta linha deveria estender-se às lavouras, suprimindo de muito a mão-de-obra. Ela transporta as mercadorias de duas importantes fazendas que se encontram ao longo da linha. A companhia cobra o transporte e ainda recebe 0,20 frs. por sacco de café da Companhia Mogiana, em Ribeirão Preto. Isto lhe rende bastante.

Há 24 colônias dispersas na propriedade, povoadas por cerca de 100 famílias, ou sejam, 7000 pessoas, quase todas de nacionalidade italiana.

A maquinaria está representada por vários motores a vapor. Dois deles acionam as máquinas que podem beneficiar 15000 kgs. de café por dia, e dois descorticadores, que podem tratar 75000 kgs. por dia. Outro motor serve à oficina de reparação.

A extensão total da propriedade é de 34.000 hectares de terras, das mais produtivas, das quais, 10000 plantadas de café, 7000 de pastagens e o restante em matas naturais, que são desbastadas todos os anos para alargar a área do café.

Os 10.000 hectares já plantados compreendem:

3.000.000 de pés de 5 a 16 anos
800.000 de pés de 4 anos
700.000 de pés de 3 anos
400.000 de pés de 2 anos
300.000 de pés de 1 ano

Total: 5.200.000 pés de café

A companhia possui também um armazém, onde os colonos vão se abastecer dos gêneros de primeira necessidade. Há também um açougue, que poderia abater 2 bois por dia, ao preço de 0,80 c. o quilo; mas matam apenas um, de forma que somos obrigados a comer carne de porco, muito mais cara e enjoativa, sobretudo num país quente.

A desordem e a incúria reinam igualmente no armazém, que poderia dar bom lucro, se fôsse bem abastecido. Poder-se-ia reputar menos as mercadorias que têm o seu pagamento garantido.

Os numerosos colonos que lá vão fazer as suas compras, quase todos a cavalo, levam as suas cadernetas, nas quais são debitadas as suas despesas. Ao seu crédito se inscrevem o produto do trabalho da sua família, da venda de animais transacionados com a sociedade e o produto da venda do milho e do feijão, que lhes é permitido cultivar entre as fileiras do cafezal.

Há também uma farmácia e um médico. Uma única escola mista existe na fazenda, servindo tão somente às crianças de uma das colônias. As demais que moram muito afastadas, não podem frequentá-la e estão condenadas a viver na ignorância. Uma capela e um padre fazem falta às necessidades espirituais dos colonos. Existe um projeto neste sentido, que não se concretizará tão cedo.

O dividendo repartido entre os acionistas em 1895 foi de 2.000.000 frs. Esta importância eleva-se cada ano, se o café não perder a sua cotação. Os fazendeiros temem

esta baixa, dando-se conta perfeitamente de que o seu consumo não corresponde à extensão que dão à sua produção.

Os colonos trabalham por tarefa. Além do alojamento, recebem 8 frs. por cada centena de pés cultivados por ano. É pouco em relação ao trabalho que executam, e que consiste em capiná-los 4 ou 5 vezes ao ano. Mas em compensação eles ganham muito quando chega a colheita. São pagos a razão de 1,20 frs por hectolitro de bagas colhidas. O colono emprega toda a sua família na tarefa e pode colher 15 a 30 hectolitros por dia, segundo o tamanho da sua família e a abundância dos frutos. Mas o que lhe rende mais é o milho, cultivado entre as fileiras do cafézal, que lhe serve de alimento e aos seus animais. Pouco exigentes, eles não gastam como os brasileiros. Alimentam-se de polenta e de macarrão e chegam, quando não são ébrios, a fazer uma pequena fortuna. Geralmente depositam no banco da companhia as suas economias, a 10% ao ano. Há os que tem lá mais de 20.000 frs. depositados. São muito apressados todavia, em voltar à pátria ou de estabelecer-se por conta própria, nos arredores, como comerciantes. É raro permanecerem mais de 4 ou 5 anos na fazenda. Querem logo tentar a sorte à sua maneira, cansados da dependência em que vivem dos seus patrões, que os consideram meços substitutos dos escravos e instrumentos da sua fortuna. Se o antigo sistema foi modificado, o trabalho ainda não foi reabilitado. O fazendeiro não mudou ainda a sua maneira de pensar e não sabe tratar os seus operários, como homens livres. Segundo uma expressão corrente, trabalhar, submeter-se a uma regra qualquer é próprio do escravo.

A mulher italiana é geralmente econômica e corajosa. Além dos cuidados para com a família, toma conta da casa e tem ainda a roupa para lavar e remendar. Em nenhum local lava-se mais do que aqui. Uma roupa limpa pela manhã parece à tarde um avental de açougueiro, que terminou as suas operações. Nem à tarde ela consegue repousar. Enquanto o marido faz a sesta, ela se entrega às suas ocupações. O que não a impede de ser a primeira pessoa a se levantar e a última a deitar-se, e ainda de encontrar

tempo para apanhar o café. Querelantes por natureza, nem sempre reina a paz em Pati ou alhures. Há sempre brigas e facadas. Testemunhei algumas cenas de pugilato, que terminavam sempre com a intervenção do administrador, bastando para isso unicamente a sua presença. Submissos e ordeiros eles obedecem cegamente às ordens, quando partidas de uma autoridade qualquer, que lhes ordena de parar e ir para a casa. Muito polidos, eles tratam a todos de "Signor" e tiram o chapéu para conversar.

Reina certa rivalidade entre as diversas colônias, o que é bastante conveniente aos interesses da companhia, que por causa disto nunca enfrenta uma greve geral. Em todas as colônias há falta de braços, especialmente por ocasião da colheita. Então eles exageram as suas pretensões e ensaiam uma greve. Faz-se então intervir uma dezena de negros, robustos e decididos, que logo os trazem à razão, fazendo-os aparecer à porta. Sem coragem de voltar às suas casas, são forçados a recomeçarem as suas tarefas. Os colonos não suportam certos trabalhos da lavoura. Empreiteiros especiais os substituem então. Estes, tomam ao seu serviço alguns negros nômades, que passam a vida a percorrer o Brasil em todos os sentidos. Conhecem eles todos os recantos do país, constituindo excelentes guias para os exploradores. Trabalham aqui e ali, de 2, 4 e 8 dias, e depois retomam o seu caminho. Paga-se aos empreiteiros 3 frs. por cada centena de pés capinados uma única vez. Este dá ao roceiro 2 frs., com a condição de tratar 200 pés por dia. Certos trabalhadores esforçados terminam a sua tarefa antes do meio-dia e não querem fazer mais. Há na fazenda constantemente, cerca de 200 destes viajantes, ocupados no amanho da terra ou em outros negócios. São chamados Baianos, porque são originários da província da Bahia.

Apesar da falta de braços, reduz-se a emigração futura. A Fazenda Dumont, muito vasta para ser bem administrada, derruba cada ano mais um pedaço de mata para aumentar a sua plantação.

A última colheita do Brasil foi de 8.000.000 de sacos de 60 kgs; atingirá 10.000.000 este ano. Isto representa

7/10 da produção mundial, da qual mais da metade é vendida sob um falso nome.

O governo brasileiro, entusiasmado com esta produção extraordinária, votou uma verba de 2.000.000 frs. para a propaganda do café, nos países onde o seu consumo é pequeno, especialmente na Rússia, onde é quase nulo. É de se temer que esta medida fique sem resultado positivo, tanto quanto as batucadas que se promovem a seu favor, nas exposições internacionais. As massas gostaram mas não compreenderam a lição, a saber, que o café do Brasil é melhor do que o das Índias. A Europa erra quando o designa e o vende sob falsos rótulos. Os comerciantes deveriam dar-lhe o seu verdadeiro nome de origem, fazendo-lhe no máximo a concessão de ajuntar, entre parêntesis, o seu nome de empréstimo ou a sua designação européia. A propósito seja-me permitido deplorar o expediente desagradável e errado dos cultivadores, que vendem o seu melhor café sob a designação de "Moca Brasileiro". Saibam eles que o nome "moca" persistirá, mas o seu qualificativo "brasileiro" será esquecido no dia do desembarque. Que eles renunciem a estes expedientes pueris! Os seus produtos devem se recomendar tão somente por suas qualidades intrínsecas, abrindo o seu próprio caminho no mundo. Suprimam o ônus fiscal da exportação e cuidem de melhorar o seu café, dando-lhe maior trato e evitando, na medida do possível, as falsificações e as flutuações do mercado, que em grande parte dependem do câmbio e do agambaramento do produto.

Mas voltemos à Fazenda Dumont. A colheita começou este ano a 15 de abril e deverá prolongar-se por 4 meses. Tive ocasião de presenciar ali, a imprevidência do brasileiro: os colonos estendem lençóis sob os cafezeiros e fazem cair as bagas sobre eles. Depois ensacam-nas e as transportam para a margem da estrada. As lavouras são divididas em quadras. As carroças circulam em torno e carregam o café colhido. Depois de tê-lo medido o transportam à estação. Aí é baldeado para os vagões e enviado à fazenda, onde é lavado, descorticado, seco ao sol em grandes terreiros e depois beneficiado. Esta última operação consiste em tirar a segunda cutícula do grão,

quando sêco. Depois de ser classificado mecanicamente por ordem de tamanho é ensacado definitivamente e mandado para um porto de exportação. Sacos e lençóis são fornecidos aos colonos, que dêles não se preocupam. Aconteceu entretanto, que chegada a colheita, não havia sacos em quantidade suficiente. Telegrafaram logo a São Paulo encomendando-os, mas os grandes atacadistas de lá, que já haviam vendido mais de 6.000.000 de sacos estavam esgotados. Foi preciso remendar velhos sacos, ajuntar tudo que se podia para o início das operações. Cada colono trabalhava com 2 ou 3 sacos velhos, que logo depois de cheios eram esvaziados no solo, para serem novamente recheiados. Daí uma certa perda, aumento de mão de obra, e um café sujo, entremeado de areia ou de pequenas pedras, impróprio para a exportação.

As estradas não têm conserva e para carrear a colheita é preciso organizar às pressas uma esquadra de trabalhadores. As carroças, mal conduzidas por negros, são insuficientes. Os bois e as bestas, mal nutridos, não aguentam a carga pesada e não fazem mais do que duas viagens, quando poderiam perfeitamente fazer três. Os veículos estão em mau estado. Não sofreram as reparações necessárias antes da colheita. Para evitar a delonga, procuram-se precipitadamente nos arredores veículos auxiliares. Mas o café já ficou bastante tempo amontoado; aquecido e mofado, perde muito da sua qualidade. Enfim, bem ou mal, o café é transportado à estação. Ali, com pouca despesa poder-se-ia construir uma plataforma elevada, que permitisse a sua descarga diretamente sobre o vagão. Este expediente suprimiria o trabalho de 25 homens, que carregam e descarregam os 20 vagões da colheita diária. Mas o café é de novo atirado à terra, em montes enormes, por falta de pás e de vagões. Só então providenciam-se as pás e abatem-se as árvores para a construção de vagões. Quando necessitam de peças especiais para reparar as máquinas, pedem-nas ao representante, em Santos; mas este está desprevenido e dirige-se então a N. York, de onde vem o material. Os descortecedores, em número insuficiente, trabalham dia e noite. Para a iluminação há 4 lampiões imensos, que consomem 4 litros de combustível por hora, no valor de 600 frs. cada. Um mo-

ter produziria facilmente a luz elétrica; custaria menos e iluminaria mais.

A colheita dêste ano é muito promissora; será acrescida da produção das novas lavouras. Previu-se que faltariam braços para a colheita e mandou-se um italiano à sua pátria com a missão de recrutar ali 250 famílias, a razão de 50 frs. por cabeça. Já notificou êle que está de volta, com os emigrantes. Não se cogitou, entretanto, de construir as moradias necessárias para o seu alojamento. Não há nem ao menos tijolos queimados. Forçadamente terão que lhes ceder outras casas.

Poderão dizer que carregou nas tintas, mas foi assim mesmo que tudo correu no ano passado. Haviam prometido que não seriam apanhados de surpresa mas esqueceram-se da promessa. Esperam ser mais previdentes para o próximo ano, mas até lá terão esquecido novamente.

Se um brasileiro viesse à Europa cultivar a terra, estaria logo arruinado, apesar da sua fortuna. Inconstante, imprevidente e gastador, êle conseguiu, entretanto, enriquecer-se na cultura do café.

A Fazenda Dumont é muito grande para ser bem administrada. Mas apesar dos defeitos da sua organização ainda rende uma soma considerável. Devemos então concluir que um capitalista decidido, inteligente, econômico e trabalhador obteria muito melhor resultado.

Que eu saiba, poucos estrangeiros vieram se estabelecer aqui. Alguns dêles saíram do nada e conseguiram uma bela situação. Mas não se cogitou ainda de empregar capitais belgas e francêses na lavoura. Os recursos dêste país são desconhecidos. Não há mais que três francêses na lavoura do café. Todos os três fizeram-se por si mesmos; chegaram sem nenhum recurso. Tive ocasião de conhecer um dêles, o sr. Humbert. É proprietário de uma fazenda de certa importância, que lhe rende bastante e ainda construiu uma casa na cidade de São Paulo, onde teve o prazer de conhecê-lo.

· -"Aquêlê que chegasse com 100.000 frs., me dizia êle, poderia colocá-los provisoriamente num banco (Não há falta de bancos, bastante sólidos, que pagam 12 a 15% e mesmo sob hipoteca, pode-se conseguir 12% ao ano). Poderia viver de rendas enquanto aprendesse a língua e escolhesse um terreno favorável à cultura do café. Faria certamente uma excelente operação, que lhe grangearia fortuna em pouco tempo. Mas sobretudo, acrescentava êle, não poderia tomar um brasileiro como administrador. Prometi a mim mesmo voltar à França dentro de dois ou três anos. Empreguei então um administrador indígena e parti. Sabia que iria perder 25000 frs. por ano, mas aceitei de bom grado o sacrifício. Ao cabo do primeiro ano, quando verifiquei que havia perdido 125.000 frs., voltei às pressas, para tomar a direção da fazenda, que estava na maior desordem".

· Como conclusão prática podemos dizer que o Brasil, na sua imensa extensão (tem 18 vêzes a superfície da França) oferece recursos pouco comuns e pouco conhecidos. O fazendeiro paulista, em particular, terá sempre sôbre os seus competidores estrangeiros a imensa vantagem de um clima sadio, propício à cultura do café, bem como uma terra extraordinariamente fecunda que lhe assegura boa qualidade e abundância das colheitas, pois que as doenças dos cafezeiros são desconhecidas, bem como os tremores de terras e os ciclones. Ainda que a sua produção caísse em 50%, seria satisfatório o rendimento da terra. Admitindo, mesmo por absurdo, o malôgro desta cultura, há outras plantações a fazer nesta terra tão rica: o arroz, o algodão, a vinha, o fumo, a cana de açúcar, o milho, diversas plantas medicinais, a mandioca, etc..

A cultura da mandioca é das mais simples e dá um rendimento extraordinário. Contém ela alimentos múltiplos. É uma raiz feculenta, que pode rivalizar com as melhores batatas. A sua farinha, além de conter álcool, produz diversas massas, como a tapioca e um excelente amido. O Brasil, que não tem quase indústria, importa o produto da Alemanha em grande quantidade, ao preço de 5 ou 6 frs. o quilo. Acredito que se um capitalista adquirisse no Estado do Rio uma fazenda velha, e ali cultivasse a

mandioca, estabelecendo uma fábrica de amido, estaria fazendo um bom negócio, com as melhores oportunidades de triunfar. Cito esta indústria por estar relacionada com a agricultura, mas há muitas outras que triunfariam igualmente.

Vejamos agora o que pode render o café. Poder-se-ia perfeitamente adquirir uma fazenda em plena produção, mas suponhamos que se comprasse, em local favorável, 1000 hectares de matas virgens, ao preço de 10 frs. por hectare. Para começar derrubariam 300 hectares para plantar 200.000 pés de café e para as instalações. A derrubada seria feita por empreiteiros especiais, que abatem as árvores e as queimam, por 60 frs. o hectare. A plantação poderia ser igualmente empreendida ao preço de 1 fr. por árvore, pagos no replantio, quando o seu crescimento é certo e a produção já começada, ao cabo de 4 anos.

Despesas para a plantação de 200.000 pés de café:

Aquisição de 1000 hectares de terra a 10 frs.	
	10.000 frs.
Derrubada de 300 hectares de mata	18.000 frs.
Plantação de 200.000 pés	200.000 frs.
Despesas de viagens e da administração durante 4 anos	30.000 frs.
Compras de máquinas para beneficiar o café	15.000 frs.
Construções, cercas, etc.	18.000 frs.
Juros do capital em 4 anos	49.000 frs.
TOTAL	340.000 frs.

Receita para o 4º ano

A colheita é insignificante no 3º ano. No 4º ano será de 600 gs por planta, ou sejam 120.000 kgs ao preço médio local de 1,20 frs. por kg.

Então, teremos, 120.000 kgs a

1,20 frs.

144.000 frs.

Despesa da colheita

12.000 frs.

Lucro de 4º ano

132.000 frs.

5º ano

1,5 kgs. por pé ou sejam

300.000 kgs.

360.000 frs.

Despesas gerais 23.000 frs.

Juros do capital 17.000 frs.

40.000 frs.

Lucro do 5º ano

320.000 frs.

6º ano e seguintes

2 kgs ou mais por pé de café 400.000 kgs

480.000 frs.

Despesas gerais 36.000 frs.

Juros do capital 17.000 frs.

53.000 frs.

Lucro do 6º ano

427.000 frs.

O novo fazendeiro pode estar seguro então de uma renda superior a 150% ao ano, durante 30 anos, e pode ainda pensar em aumentá-la.

Estes rendimentos, que parecem exagerados, não o são entretanto, para o Estado de São Paulo. Fiquei mesmo aquém da realidade. Nos anos favoráveis pode-se esperar uma produção de 3 kgs por pé e nos terrenos mais propícios obtém-se 6 kgs ou mais. Eu mesmo vi alguns exemplares excepcionais, cuja produção era avaliada em 10 kgs. Isto compensa largamente algumas falhas da plantação.

Não há uma regra geral para todos os cantos do mundo, mas devo citar as apreciações do sr. P. de Combourg, residente no México, e dedicado à cultura do café. Ali uma lavoura de 200.000 pés absorve um capital de 150.000 frs. Plantada em bom terreno esta lavoura poderia dar os seguintes rendimentos:

no 3º ano	60.000 frs
no 4º ano	110.000 frs
no 5º ano	165.000 frs
no 6º ano	225.000 frs

Total, ao cabo de 6 anos: 500.000 frs.

O sr. E. Raoul diz que na Nova Caledônia, uma lavoura

de 1.000.000 de pés dá uma despesa inicial de 696.000 frs., e rende, quando em produção, 405.000 frs.

Cito o testemunho destes senhores para provar que as minhas considerações sobre a lavoura do café no Brasil, e particularmente no Estado de São Paulo, nada têm de exagerado.

Vastas regiões, de uma fertilidade prodigiosa, estão à mercê de novos exploradores. Aqui a produção encontra condições naturais as mais vantajosas. É um contraste tão completo quanto possível com as condições difíceis, apertadas e estreitas da produção agrícola européia. No que se relaciona à mão de obra, existe um grande desequilíbrio. De um lado, superabundância de braços; do outro, penúria de trabalhadores. Este desequilíbrio produz forçadamente as consequências habituais que se manifestam em casos semelhantes. Ocasiona fatalmente um deslocamento, uma transmigração, em virtude da qual o excedente populacional transborda e se escoa, como uma espécie de líquido, dos países superpovoados para os espaços vazios dos outros onde há penúria de braços. É o que aconteceu efetivamente com os italianos, que emigraram em massa, para pôr o seu braço a serviço da lavoura. Há ainda lugar, para outros países do velho mundo, que têm como a Itália, uma superabundância de gente, em todos os graus da hierarquia social. Esta falta de saída para o pessoal contrasta singularmente com a falta de braços de que se queixa o Novo Mundo. É difícil conceber um contraste mais chocante do que este, entre os dois mundos, separados pelo Atlântico. De um lado, pessoal numeroso, excelentemente preparado materialmente e moralmente. Dispõe de ferramentas e de métodos agrícolas aperfeiçoados, além da organização maravilhosa dos sindicatos agrícolas e das sociedades camponesas, que dão à sua gente grandes facilidades para desempenhar a tarefa que lhes compete. Do outro, ao contrário, existe escassez de pessoal. Falta de braços e penúria de ferramen-

as. Falta também uma direção esclarecida para encaminhar os passos da incipiente agricultura pelo caminho do progresso e do êxito.

* * *